



DADOS COM EPÊNTESE EM ALVOS COM ONSET COMPLEXO NA AQUISIÇÃO FONOLÓGICA: Argumentos a favor do desenvolvimento silábico

Ananda Ramos-Pereira¹
Vanessa Henrich²
Letícia Pacheco Ribas³

1. Introdução

A aquisição da linguagem, especificamente do domínio fonológico, é o processo pelo qual a criança estabelece o sistema fonológico, que para ser considerado normal deve ser atingido espontaneamente em uma sequência comum à maior parte das crianças e dentro de uma determinada faixa etária (LAMPRECHT, 1999).

O percurso pelo qual a criança deve passar inicia-se aos 1:3 de idade, aproximadamente, com o surgimento de algumas vogais no sistema, sendo esse processo finalizado entre os 4:0 e 5:0 com o estabelecimento do onset complexo.

Ao estudar o processo de aquisição fonológica, observa-se que determinados fonemas não são simplesmente adquiridos, mas que geralmente ocorre uma etapa em que o fonema aparece e começa a ocupar sua posição no sistema fonológico para, então, partir gradativamente para a etapa de aquisição

¹ Fonoaudióloga, Mestranda em Linguística pela PUCRS, colaboradora nos Projetos de Pesquisa “Variação lingüística e aquisição com desvio fonológico: questões para inclusão social” e “Desvio Fonológico: a variabilidade de produção dos sons e as variáveis facilitadoras para os alvos esperados” desenvolvidos na Feevale - ananda.ramos@gmail.com

² Fonoaudióloga colaboradora nos Projetos de Pesquisa “Variação lingüística e aquisição com desvio fonológico: questões para inclusão social” e “Desvio Fonológico: a variabilidade de produção dos sons e as variáveis facilitadoras para os alvos esperados” desenvolvidos na Feevale - vanessahenrich@hotmail.com

³ Fonoaudióloga, Doutor em Linguística, coordenadora do curso de Fonoaudiologia Feevale, Líder dos Projetos de Pesquisa “Variação lingüística e aquisição com desvio fonológico: questões para inclusão social” e “Desvio Fonológico: a variabilidade de produção dos sons e as variáveis facilitadoras para os alvos esperados” desenvolvidos na Feevale - leticia Ribas@feevale.br



plenamente estabelecida. É comum, portanto, observar regressões de uso durante o desenvolvimento da linguagem.

É nesse contexto que aparecem os processos fonológicos ou estratégias de reparo, que são utilizadas pelas crianças na impossibilidade de produzir a fala complexa dos adultos da comunidade linguística em que vivem.

Tais estratégias de reparo são esperadas e consideradas normais se permanecerem por um período limitado e se o fonema for gradativamente adquirido na idade esperada. Para Spíndola et. al. (2007), a ocorrência dessas deve estar presente nas primeiras fases do desenvolvimento linguístico e devem ser superadas à medida que a criança for aprendendo sua língua.

Desse modo, considera-se relevante a proposta deste trabalho, que abarca os aspectos da formação da estrutura complexa, suas variações durante a aquisição e estratégias de reparo utilizadas pelas crianças.

Com o intuito de verificar a ocorrência da epêntese durante a aquisição fonológica típica e atípica, este estudo tem como foco analisar a fala de crianças com e sem desvio fonológico durante a aquisição do onset complexo sustentada nos padrões típicos propostos pela literatura. O objetivo do estudo restringe-se, portanto, a traçar um perfil do sistema fonológico dos sujeitos estudados e verificar a relação entre a epêntese no contexto CCV de uma criança com desenvolvimento fonológico típico e três crianças com desvio fonológico evolutivo.

2. Desenvolvimento

A formação dos itens lexicais da língua é regida pela organização em sequência dos fonemas para formar as sílabas. A aquisição do onset complexo demanda mais habilidade com os fonemas, pois ele representa uma sílaba complexa, constituída por duas consoantes e uma vogal. Desta forma, 'pr' de 'prato' representa uma estrutura complexa, pois em uma mesma sílaba há duas consoantes.

A sílaba deve ser composta obrigatoriamente de um núcleo, sendo o onset e a coda elementos adicionais e facultativos para o português brasileiro, ressalta

Matzenauer (2004). Segundo a abordagem métrica de Selkirk (1982), a estrutura dessa sílaba é representada conforme Figura 1, em que as linhas pontilhadas são segmentos facultativos e a linha contínua, o segmento obrigatório.

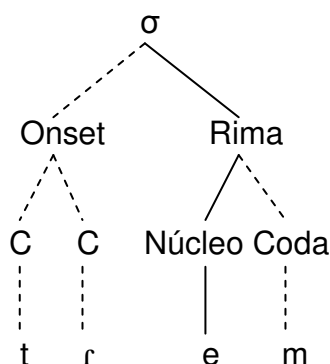


Figura 1 – Sílaba do Português Brasileiro.

No português brasileiro, o onset complexo respeita uma sequência organizada dos fonemas, sendo que em posição de C₁ os fonemas que poderão ocupá-la são as plosivas ou fricativas labiais e em C₂ poderão ocupá-la apenas as líquidas /r/ e //l/. Alguns exemplos como ‘prato’, ‘placa’, ‘bíblia’, ‘troféu’, ‘cravo’ e ‘livro’ ilustram essa sequência.

Dessa forma, os grupos consonantais permitidos no português são: /pr, pl, br, bl, tr, tl, dr, kr, kl, gr, gl, fr, fl, vr/. Existem, porém, preferências dentre esses grupos as quais se manifestam mais frequentemente no vocabulário dos falantes da língua (ALBANO, 2001). Entre eles estão os grupos de consoantes ‘tr’ seguido por ‘pr’ e ‘br’.

Embora haja uma preferência por determinados grupos, o estudo de Ribas (2002) demonstrou que não há uma ordem para a aquisição do onset complexo, sugerindo que ambos, /r/ e //l/, são adquiridos na posição de C₂ por volta de 5 anos de idade em crianças falantes de português brasileiro.

Estudos como os de Teixeira (1997), Freitas (1997) e Fikkert (1994) referidos por Ribas (2004) defendem que o processo do desenvolvimento do onset complexo segue uma ordem que inicia com nenhuma realização das consoantes, seguida da produção apenas da obstruinte que ocupa C¹. Além

disso, a criança poderia passar por estágios intermediários, realizando a semivocalização das líquidas.

A maneira como as crianças lidam com o alvo é exemplificada nos tipos de estratégia de reparo utilizados, que refletem uma particularidade de cada aprendiz. Existem diferenças individuais de cada sujeito no uso das estratégias de reparo. Não há, portanto um consenso para a aquisição dessa estrutura silábica (RIBAS, 2002).

Espera-se que a aquisição segmental e a de todas as estruturas silábicas estejam concluídas até os 4 anos, excetuando-se a do onset complexo, que vai alcançar a estabilidade no sistema somente um ano depois, aos 5 anos. Assim, tem-se a seguinte ordem de aquisição: CV>>CVV>>CVC>>CCV (LAMPRECHT, 1990).

Ribas (2002) refere que se poderia esperar que a aquisição do onset complexo fosse estabelecida, primeiramente, com a líquida lateral /l/, já que esta é adquirida aos 2 anos e 8 meses em onset absoluto, e aos 3 anos em onset medial, sendo que a aquisição do /r/ em onset medial é verificada aos 4 anos e 2 meses. No entanto, esse fato não é verificável nos estudos acima citados. O que podemos observar é uma grande variação entre os sujeitos.

A figura abaixo ilustra a aquisição de segmentos silábicos em que as linhas pontilhadas representam o que está sendo adquirido (RIBAS, 2004).

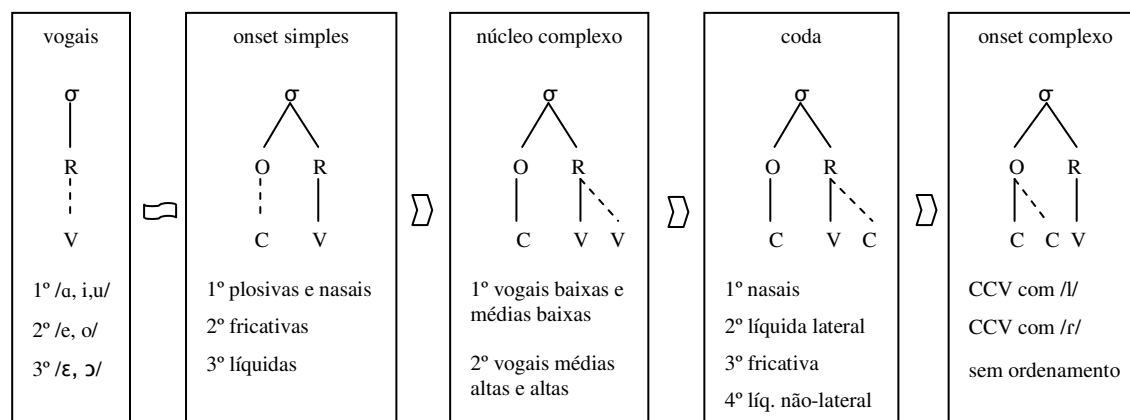


Figura 2 – Esquema ilustrativo da aquisição dos segmentos nas posições silábicas, conforme Ribas (2004, p. 158).



As estratégias de reparo mais observadas por Ribas (2004) durante a aquisição do onset complexo envolvem principalmente recursos cujo alvo é C², modificando a estrutura silábica ou apagando-a. Algumas dessas estratégias estão descritas por ordem de frequência na Figura 3.

Estratégias	Alvos	Produções
Substituição de líquida	prato	[ˈplatu]
Metátese	cobra	[ˈkɔɾba]
Substituição de obstruinte	pedra	[ˈpɛwka]
Epêntese	trem	[ˈtɛɾɛj]
Semivocalização	bloco	[ˈbɔwku]
Apagamento da sílaba CCV	travesseiro	[viˈsɛru]
Coalescência	trem	[ˈsɛj]
Assimilação (traço da obstruinte seguinte)	estraga	[isˈkaga]
Assimilação da coda nasal	brinca	[ˈmĩnka]
Metátese das plosivas	dragão	[gaˈdãw]
Produção de C ₂ V	bicicleta	[biˈlɛta]
Produção de V	procurar	[okuˈja]

Figura 3 - Estratégias de reparo usadas entre as idades de 1 ano e 5 anos e 3 meses (extraído de RIBAS, 2004).

A epêntese é uma estratégia em que há inserção de um fonema, o que para o português brasileiro geralmente é uma vogal.

Segundo regras fonológicas, nossa língua admite coda com apenas os fonemas /r, L, S, N/. Portanto, palavras como “ritmo, captura e corrupto” serão produzidas foneticamente como “rítimo, capitura e corrupito”, ou seja, ocorrerá o acréscimo de material fonético.

Não raramente, durante a aquisição fonológica, pode-se observar o mesmo processo atuante em alvos com onset complexo, como nos exemplos “parato, tigiri, birinquedo”.

Deste modo, a sílaba do onset complexo, que era constituída por CCV, passa a ser CVCV, que caracteriza uma simplificação, observada nos dados de Ribas (2002); sendo que a vogal inserida é sempre uma cópia da vogal original da sílaba complexa, conforme demonstra o exemplo: “prato” → [pa.ra.tu].

3. Metodologia



Com o objetivo de verificar a ocorrência de epêntese na fala de crianças, observaram-se dados de fala de sujeitos com aquisição fonológica típica e aquisição fonológica atípica. Para tanto, definiram-se dois grupos que exemplificassem os achados, constituindo-se, portanto, um de uma amostra de aquisição fonológica normal (Amostra A) e outro de aquisição fonológica com Desvio Fonológico (Amostra B).

Amostra A

A amostra A exemplifica a aquisição fonológica normal. Trata-se de dados oriundos de um estudo longitudinal, no qual se acompanhou o desenvolvimento fonológico de uma criança com idade de 3:5 à 3:7, não frequentadora de escola, do sexo masculino.

Realizou-se uma anamnese criteriosa com os responsáveis pelo sujeito, a fim de descartar interferências orgânicas, neurológicas, psiquiátricas, auditivas ou de doenças em geral em seu desenvolvimento, confirmando uma história clínica compatível com aquisição de linguagem normal. Os responsáveis, além disso, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando a participação da criança no estudo.

A coleta de fala foi realizada por uma fonoaudióloga, gravada com o Mini Gravador de Voz Digital Dvr 264. Manteve-se um roteiro que estabelecia um ciclo em que houveram gravações da interação da criança com a mãe intercaladas com a intervenção do pesquisador, de acordo com o cronograma a seguir:

Tabela 1 – Cronograma das entrevistas realizadas com o sujeito cujos dados compõem a amostra A.

Entrev.	Idade	Tipo de coleta	Duração da coleta
1 ^a	3:5	Fala espontânea	21'35"
2 ^a	3:5	Figuras temáticas	16'36"
3 ^a	3:6	Fala espontânea	23'45"
4 ^a	3:7	Figuras temáticas	8'56", 4'46" e 2'48"



Durante a primeira coleta, não houve interferência do pesquisador na interação entre a mãe e a criança, descartando o viés que poderia ser atribuído quanto ao objetivo do trabalho e à possibilidade de comparação entre esses dados e os do instrumento.

Na segunda coleta, os dados resultam de nomeação espontânea, evocada através de cinco desenhos temáticos que compõem o instrumento Avaliação Fonológica da Criança (AFC), proposto por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991). Esse instrumento possibilita a análise de até 125 itens lexicais, contendo diferentes segmentos em todas as posições silábicas possíveis por pelo menos três vezes. Utilizaram-se, ainda, algumas miniaturas para elicitare eventuais palavras não produzidas espontaneamente pela criança na apresentação das figuras temáticas, como apoio para a coleta de fala.

O objetivo desse tipo de coleta foi verificar se a criança realizava a epêntese em maior número em fala espontânea gerada pela interação da mãe, em ambiente familiar, ou em ambiente de entrevista, diante do gravador e do pesquisador.

Amostra B

Os dados da amostra B exemplificam a aquisição fonológica atípica. Analisaram-se os dados de fala de 37 sujeitos que compõem a amostra do banco de dados VALDEF, do Projeto de Pesquisa “Variação Linguística e Aquisição com Desvio Fonológico: Questões para Inclusão Social”, já aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Feevale sob 4.07.01.06.345. Esses 37 sujeitos correspondem àqueles que apresentaram estratégias de reparo em onset complexo e, desses 37, apenas três correspondem aos sujeitos que formam a amostra B.

O banco de dados VALDEF constitui-se de dados de fala de 100 crianças com idades entre 5:0 e 10:00 anos com diagnóstico de Desvio Fonológico Evolutivo. As crianças participam do projeto de pesquisa somente mediante a formalização da autorização dos responsáveis através da assinatura do termo de



consentimento livre e esclarecido e da submissão a anamnese criteriosa, na qual se investiga a existência de disfunções neurológicas evidentes, o que poderia descaracterizar a alteração de linguagem como desvio fonológico evolutivo.

Os dados abrangem resultados de avaliações de linguagem e de avaliações fonológicas, para as quais realizaram-se coleta de fala, registradas com um gravador Mini Cassete Recorder RQ-L11 da marca Panasonic; avaliação de motricidade orofacial; triagem do processamento auditivo; avaliação da consciência fonológica; avaliação audiológica para confirmação de limiares auditivos normais; avaliação do processamento auditivo e avaliação otorrinolaringológica.

A avaliação fonológica foi realizada através da aplicação do instrumento AFC. Essa avaliação permitiu a definição do grau de severidade do desvio fonológico evolutivo (através do cálculo do percentual de consoantes corretas - PCC), a variabilidade de produção, análise de traços distintivos e análise de processos fonológicos. Na avaliação de motricidade orofacial, observaram-se aspectos referentes à mobilidade, função, tensão e aspecto geral das estruturas. Na triagem do processamento auditivo, avaliaram-se as habilidades auditivas de localização sonora, memória sequencial para sons verbais, memória sequencial para sons não verbais e a presença ou ausência do reflexo Cócleo- Palpebral.

A avaliação da consciência fonológica foi realizada através da aplicação do instrumento CONFIAS – Consciência Fonológica Instrumento de Avaliação proposto por Moojen *et al.* (2003).

A partir destes dados, foram descritas e analisadas as estratégias de reparo utilizadas nas palavras que contêm onset complexo em posição inicial e medial dos sujeitos estudados, a fim de demonstrar a ocorrência de epêntese nos dados do grupo em estudo.

4. Resultados e Discussão

O levantamento dos dados da amostra A baseou-se em uma análise qualitativa, visto que não foram realizadas a variabilidade de produção, a análise



por traços e por processos, nem o PCC, pois o sujeito que representa esta amostra apresenta desenvolvimento fonológico típico e seus dados são restritos.

Nos dados da amostra A, não foram observadas realizações de CCV, mas apenas CV. Portanto, nos alvos em que se esperaria a realização do onset complexo foram usadas as estratégias de redução de encontro consonantal ou de epêntese, em que o resultado de ambas representa uma estrutura simples.

A Figura 3 mostra todos os alvos em que a criança que representa a amostra A realizou a epêntese.

Amostra A	
Alvos	Produções
Prato →	[pa'ratu]
Trilho →	[ti'ri:u]
Braço →	[ba'rasu]
Placa →	[pa'laka]
Planta →	pã'lanta

Figura 3 - Dados da Amostra A

Já os dados que constituem a amostra B, transcritos na Tabela 2, representam apenas aqueles alvos em que ocorreu o processo de epêntese e, ainda, apenas as crianças que realizaram tal processo. Portanto, dos 37 sujeitos que apresentam alguma estratégia em onset complexo, apenas três realizam a epêntese em contexto CCV.

Tabela 2 – Dados da Amostra B.

Amostra B		
	Alvo	Produção
S1	Livro →	[ˈlivuru]
S2	Flor →	[fuˈlor]
	Gramma →	[gãˈrãma]
	Prato →	[paˈratu]
	Franja →	[fãˈranza]
	Braço →	[baˈrasu]
	Trem →	[teˈrejn]
S3	Tigre →	[ˈtʃi.gĩ.ri]



Vejam os apontamentos que puderam ser levantados diante dos dados apresentados.

A produção do onset complexo não foi verificada no Grupo A, plenamente justificável pela idade do sujeito, já que a aquisição desta estrutura dá-se próximo aos cinco anos de idade. Já no Grupo B verificou-se a realização da epêntese em contexto CVV, além das estratégias de redução de encontro consonantal alternadas com a produção correta.

Embora não tenha sido verificada nenhuma produção de onset complexo na amostra A, cabe ressaltar que alguns ambientes podem ser considerados favoráveis para a ocorrência de CCV. Com relação aos ambientes favoráveis, a literatura mostra que para a estrutura C//V tem-se os seguintes facilitadores: I) núcleo com a vogal “a” ou “i”, e II) plosiva labial surda. Para a estrutura C/r/V, observa-se: I) obstruinte labial e sonora; II) CCV em onset medial, sendo o elemento antecedente a vogal /o/; III) sílaba fraca o pé métrico do acento; IV) vogal da sílaba CCV ser /i/, /u/ ou /a/ (RIBAS, 2004, p. 162).

Considerando a preferência entre C/r/V e C//V, Ribas (2004) afirma que durante a aquisição do CCV, a criança demonstra que está lidando com o domínio da sílaba e não apenas dos segmentos que compõem a sílaba, já que ambos os grupos são adquiridos simultaneamente.

Em se tratando do ambiente facilitador para a realização da epêntese em CCV, na amostra A das cinco ocorrências de epêntese, três implicam na estrutura C/r/V, e dois implicam na estrutura C//V. Com relação ao contexto seguinte, observou-se que em quatro das cinco possibilidades, houve a duplicação da vogal /a/ contida no núcleo da sílaba complexa e apenas uma ocorrência nos mesmos moldes para a vogal /i/.

No grupo B, observou-se que as ocorrências de epêntese na coleta de fala dos três sujeitos não totalizam mais de 1% das possibilidades, inviabilizando a análise quanto à preferência por onset complexo específico, embora o S2 demonstre maior realização de epêntese em alvos C/r/V – cinco ocorrências das seis possibilidades. Vale ressaltar que, na amostra desse sujeito, as



possibilidades de onset complexo com a estrutura C/r/V são sete vezes maiores do que as com a estrutura C/l/V, e, ainda, do que todas as ocorrências de epêntese implicam em onset complexo inicial.

Com relação à ocorrência da epêntese, houve cinco ocorrências num montante de 102 possibilidades na amostra A, não sendo essa ocorrência significativa para uma análise quantitativa, porém fica evidente que este processo está presente no sistema fonológico do sujeito. Na amostra B, esta relação é vista da seguinte maneira: dos 37 sujeitos, apenas três realizaram a epêntese em *onset* complexo e, ainda, desses três sujeitos, S1 realizou uma de 34 possibilidades, S2 realizou seis de 35 possibilidades e o S3 realizou uma de 28 possibilidades.

Quando pensamos em processos fonológicos, pensamos em estratégias de reparo que possam facilitar a produção de algo mais complexo. Porém, vemos que um dos processos utilizados na aquisição fonológica é a epêntese, que caracteriza-se por uma manobra complexa, pois há acréscimo de fonema e não uma redução. Por que uma criança faz epêntese, tornando um CCV em CVCV nesta situação específica, ao invés de fazer uma redução de encontro consonantal? Parte-se da hipótese de que esta criança poderá estar mais sensível à estrutura da sílaba - neste caso o onset complexo - do que aquela criança que realiza a redução do encontro consonantal, fazendo uma estratégia de reparo mais complexa. Portanto, a criança produz 'folor' ao invés de 'flor', pois sabe que deve ser preenchido o lugar que /r/ ocupará posteriormente na posição de C2. Isto reflete o conhecimento que a criança tem sobre a língua.

A amostra B, embora tenha maior produção de epêntese, representa a aquisição fonológica atípica de três sujeitos, o que reflete uma menor utilização desta estratégia comparada aos dados da amostra A. Sendo assim, a epêntese parece ser mais uma etapa anterior a aquisição plena do onset complexo, que pode ser utilizada por crianças que tenham o desenvolvimento fonológico adequado, descaracterizando a epêntese como estratégia de reparo nesses casos específicos.



Um aspecto significativo que se mostrou em ambas as amostras foi a não realização da palatalização das coronais quando em contexto de redução de encontro consonantal. Ou seja, quando o esperado era [tʃi.ɫu] do alvo 'trilho', as crianças realizaram [ti.ɫu]. Para isso, Lamprecht (2004) ressalta que a fala da criança mesmo com desvio fonológico evolutivo tem uma fonologia, pois, embora haja aspectos que marcam a atipia, há um sistema organizado em que os fenômenos atuam em uma classe de sons, traços e estruturas silábicas.

5. Conclusão

Ao findar este estudo, podemos concluir que a epêntese em contexto CCV, ou seja, em exemplos como 'parato' e 'terem', é observada tanto no desenvolvimento fonológico típico como na fala de crianças com desvio fonológico evolutivo. Isso sugere que a epêntese no desenvolvimento fonológico típico pode ser considerada uma etapa precedente à aquisição plena da estrutura complexa, diferentemente de como é para crianças com desvio fonológico evolutivo, em que a epêntese é uma estratégia de reparo realizada na impossibilidade do alvo.

Em suma, podemos levantar a hipótese de que a ocorrência da epêntese trata-se de uma estratégia complexa de reparo em que a criança é sensível para perceber a necessidade de um segmento entre C e V no caso do CCV, mas a aquisição é regida pela estrutura silábica e não pelo segmento. Portanto, parece ser mais frequente a ocorrência da epêntese em crianças com desenvolvimento fonológico típico, pois demonstra uma análise linguística mais apropriada devido a tentativas de organização do sistema fonológico, representadas pela produção da epêntese.

Referências bibliográficas

ALBANO, E.C. *O gesto e suas bordas*. Esboço de fonologia acústica-articulatória do postuguês brasileiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2001.



LAMPRECHT, R.R. Desvios Fonológicos: evolução na pesquisa, conhecimento atual e implicações dos estudos em Fonologia Clínica. In.: LAMPRECHT, R.R. (Org.) et al. *Aquisição da Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 61 – 80.

LAMPRECHT, R.R. (Org.) et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

MATZENAUER, C.L.M. Bases para o entendimento da aquisição fonológica. In.: LAMPRECHT, R.R. (Org.) et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

MOOJEN, S. (Org.); LAMPRECHT, R.R.; SANTOS, R.; FREITAS, G.; BRODACZ, R.; COSTA, A.; GUARDA, E. *Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Seqüencial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RIBAS, L.P. *Onset Complexo nos Desvios Fonológicos: descrição, implicações para a teoria, contribuições para terapia*. Porto Alegre: 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 2006. 140f.

RIBAS, L.P. *Aquisição do onset complexo no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras) - PUCRS, Faculdade de Letras Porto Alegre, 2002. 166 f.

RIBAS, L.P. Sobre a aquisição do onset complexo In.: LAMPRECHT, R.R. (Org.) et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004. p. 151-164.

SELKIRK, E. O. The syllable. In: Hulst e Smith (eds.) *The structure of phonological representation*. Dordrecht: Forris, v.3, p.337-383, 1982.



SPÍNDOLA, R. A.; PAYÃO, L. M. C.; BANDINI, H. H. M. Abordagem Fonoaudiológica em Desvios Fonológicos Fundamentada na Hierarquia dos Traços Distintivos e na Consciência Fonológica. *Revista CEFAC*, São Paulo, v.9, n.2, 180-9, abr-jun, 2007.

YAVAS, M.S.; HERNANDORENA, C.L.M.; LAMPRECHT, R.R. *Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 148 p.

RESUMO

Este estudo visa à elucidação de fatos relacionados à aquisição do onset complexo e ao uso da estratégia de reparo chamada 'epêntese'. Com o objetivo de auxiliar no entendimento sobre o uso dessa estratégia de reparo, este trabalho demonstrou que na aquisição fonológica típica é possível verificar uma maior ocorrência de epêntese se comparado a crianças que apresentam desvio fonológico evolutivo, sugerindo que para o desenvolvimento fonológico típico esta estratégia de reparo pode ser considerada uma etapa precedente à aquisição plena da estrutura complexa.

PALAVRAS-CHAVE: *Aquisição Fonológica; Onset Complexo; Epêntese; Desvio Fonológico.*

ABSTRACT

This study aims to elucidate the facts related to the acquisition of complex onset and the use of the repair strategy called 'epêntese'. Seeking to help understanding the use of this repair strategy, this study showed that in the regular phonological acquisition is possible to verify a higher occurrence of 'epêntese' compared to children with phonological disorder and what seems to influence this occurrence is the question that is intended to be answered.

KEYWORDS: *Phonological Acquisition; Onset Complex; Epêntese; Phonological Disorders.*